

O APOCALIPSE DE MACBETH (1606)

The Apocalypse (Revelation) of Macbeth (1606)

Ana Claudia de Souza de Oliveira*

RESUMO: O legado criativo de Shakespeare é marcado pela arte da apropriação de obras de seu tempo e de eras passadas, como textos clássicos greco-romanos, mitologias, escritos medievais e renascentistas e outros. Ele inseriu em seus escritos inúmeros intertextos oriundos de múltiplas fontes, entre eles centenas de referências bíblicas. O presente artigo examina as tessituras bíblicas que permeiam a tragédia shakespeariana de *Macbeth*. O objetivo é evidenciar que o dramaturgo incorporou várias passagens e temas que encontrou na *Bíblia*. Por meio do método analítico-comparativo, o artigo mostra como Shakespeare realizou tais apropriações e como conseguiu contextualizá-las e ressignificá-las. Os principais recursos intertextuais usados por Shakespeare em seu processo escritural, tais como a citação, a alusão e a analogia, foram explorados à luz de considerações críticas teorizadas por Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau e Tiphaine Samoyault.

Palavras-chave: William Shakespeare; Macbeth; A Bíblia; Intertextualidade; Literatura Comparada.

ABSTRACT: *Shakespeare's creative legacy is marked by the art of appropriating works of his own time and of ancient eras, including classical Greek and Roman texts, mythologies, Medieval and Renaissance literature, among others. To this effect, he inserted countless intertexts, derived from multiple sources into his texts, among them hundreds of biblical references. This paper examines the biblical textures that permeate Shakespeare's Macbeth. The objective is to furnish evidence that the playwright incorporated in his work many passages and thematic strands he found in the Bible. By means of a comparative analysis, this article shows how the playwright appropriated and how he succeeded in contextualizing and resignifying them. The main intertextual devices used by Shakespeare in his poetic composition, especially the quotation, the allusion and the analogy, are explored in the light of theoretical perspectives by Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau and Tiphaine Samoyault.*

Keywords: William Shakespeare; Macbeth; The Bible; Intertextuality; Comparative Literature.

* Mestre em Teoria Literária e doutoranda do curso de Estudos Africanos da Universidade de Lisboa – Lisboa, Portugal. E-mail: anaclaudiasoli@gmail.com

Introdução

O mundo literário, segundo Bakhtin (2015), é tão ilimitado quanto o universo. As obras de William Shakespeare e seu legado literário e cultural parecem assim ser também um rio extenso e profundo, que irrigam, alimentam inúmeras outras obras: adaptações, continuações, pastiches, transposições, paródias, versões transportadas do teatro para o cinema e a TV. Entretanto, sabe-se que Shakespeare, mais do que um autor excepcional, era um exímio adaptador. Percebe-se que ele também buscou nadar em outros nascedouros, que inspiraram sua extensa e famosa obra. E a *Bíblia Sagrada* se encontra entre eles.

O objetivo principal deste artigo é evidenciar que o dramaturgo, inúmeras vezes, usou, na obra de *Macbeth*, o discurso bíblico com propósitos laicos, como forma de explorar, elucidar e até mesmo questionar comportamentos e a condição da natureza humana. Dentro dessa percepção, este trabalho visa não a mapear as crenças nem a orientação religiosa do maior dramaturgo de todos os tempos – William Shakespeare –, mas a investigar a construção de uma das mais importantes tragédias, no caso *Macbeth*, a partir dos intertextos bíblicos, sob à luz da intertextualidade, onde teremos como guia, teóricos como Bakhtin, Samoyault, Maingueneau, entre outros.

Shakespeare nasceu entre duas eras: a medieval e a renascentista. A Inglaterra, que começava a colher os frutos renascentistas, ainda sentia os resquícios da batalha entre católicos e protestantes, depois do rompimento do rei Henrique VIII com a Igreja Católica. Naquela época, a transição de um modelo medieval, fechado e restrito para uma visão de mundo marcada pela episteme renascentista se iniciara. A geração do dramaturgo, os nascidos em 1560, foi a primeira a ser capaz de viver a realidade de uma *Bíblia* devidamente reconhecida (HAMLIN, 2013). Este Livro dos Livros que doutrina tantos, inclusive na era jaimessa e elisabetana, servia para ensinar e alfabetizar o povo inglês. Aliás, naquela época, o hábito de ler a *Bíblia* era quase obrigatório, estando presente nas casas, escolas e capelas, nas quais eram lidas longas passagens diariamente, em voz alta, por todas as pessoas alfabetizadas. Por isso, acredita-se que Shakespeare possa ter tido uma cópia dela para leitura em sua casa.

O fazer teatral de Shakespeare, que se desenvolveu, juntamente com a formação da língua inglesa moderna, surgiu à margem da cidade, em um espaço maior de liberdade de expressão, incrementado por acontecimentos históricos e culturais expressivos, como a invenção da imprensa e os descobrimentos marítimos. Na época do Renascimento, houve a emancipação da arte em relação aos dogmas católicos. Nesse sentido, temas bíblicos podem ter sido inseridos nas peças shakespearianas, conscientes, propositalmente ou não.

Os estudiosos da área assertaram que Shakespeare escolheu cerca de 1.598 referências bíblicas para suas narrativas. Textos bíblicos inspiraram o dramaturgo para o uso do mito, da história, da comédia e das tragédias, nas técnicas de encenação, e sua maneira de caracterizar monarcas, mágicos, bruxas, entre outros, usando a imagem do Deus multifacetado da *Bíblia*. Em suas peças, William Shakespeare citou, fez referências ou alusões a quase todos os livros do Antigo e Novo Testamento. Hamlin (2012, p. 112) afirma que “não há um livro bíblico a que o dramaturgo não faça alusão”.

As narrativas shakespearianas trazem em seu seio um leque bem extenso de expressões bíblicas e citações, o que dentro da análise do discurso se identifica como a heterogeneidade mostrada, onde há formas que marcam a presença do outro na construção discursiva, podendo essas estar destacadas ou não. E a maior parte dos temas escolhidos por ele nesses livros apresentavam tópicos de interesses dentro da Inglaterra moderna da época. Algumas vezes, os eventos intertextuais chegaram a sugerir paralelos entre um personagem shakespeariano e outro bíblico (MAINGUENEAU, 1997; HAMLIN, 2013).

As evidências textuais bíblicas expressas por meio de alusões, referências, transformações, empréstimos e representações significantes, dentro dessa narrativa discursiva criada por Shakespeare, vão sendo elaboradas e apresentadas, em partes distintas, de modo comparativo-interpretativo, cuja base epistemológica – na tentativa de promover uma relação dialógica entre esses construtos, exhibirá contribuições sérias e lógicas dos estudiosos especialistas em Shakespeare e a *Bíblia*, como Hannibal Hamlin, Steven Marx, entre outros. Tais contributos foram primordiais no processo de exegese das relações intertextuais presentes tanto no hipertexto quanto no texto-fonte.

Nota-se que a vida e a obra de Shakespeare se desenvolveu justamente na época em que o livro bíblico era cada vez mais presente na história inglesa e, por que não dizer, na Literatura Ocidental. A história de cobiça de Macbeth e sua esposa, com suas traições, seus assassinatos e suas loucuras, traz como fonte de pesquisa, as traduções de Manuel Bandeira e de Barbara Heliodora, assim como o texto em inglês, para tornar possível a identificação das decisões de cada um deles em utilizar o contexto bíblico ou não, ainda que difira em algum ponto, da versão inglesa.

Como em um exercício de recepção, em um encontro marcado com a intertextualidade, ao penetrar nas páginas de *Macbeth*, pode-se observar a presença das Sagradas Escrituras, ou seja, as referências vistas na obra são não somente visíveis, como também parecem ser pertinentes. Foram Hamlin (2013) e Marx (2013) que chamaram a atenção para o fato de que a trama shakespeariana remete mais especificamente à narrativa e ao contexto do livro de Apocalipse. Em inglês, Apocalipse denomina-se *Revelation* (Revelação), e a imagem apocalíptica, segundo Hamlin (2013), funciona como um pivô de certo modo, correlacionando referências na peça não só ao Fim do Mundo, mas também à crucificação de Cristo e seus efeitos, além de fazer inúmeras alusões ao cenário de destruição descrito em Apocalipse.

1 Fontes Leigas e Não Leigas em Macbeth

Sabe-se que William Shakespeare lançou mão de outras obras como *As Crônicas de Inglaterra, Escócia e Irlanda*, do escritor inglês renascentista Raphael Holinshed, publicada em 1577, assim como a história latina da Escócia, *Rerum Scoticarum Historia* (1582), de George Buchanan, tutor do Rei Jaime; depois *De Origine... Scotorum* (1578), do Bispo de Ross, as de John Leslie; e até muitas das tragédias de Sêneca que tinham sido traduzidas para o inglês, em especial Medeia, Agamenon e Hercules Furens (LEÃO *et al*, 2008).

Porém, poucos, exceto estudiosos da *Bíblia* Sagrada, ou alguém com um conhecimento mais profundo dessa Escritura, poderão identificar, ao ler uma tragédia como *Macbeth*, expressões, referências e alusões que os remetam ao texto bíblico. Não há como um leitor-modelo do Livro dos Livros não perceber tais figurações em

Macbeth, que basicamente trata do relacionamento do homem com o próprio homem, quando um deles se coloca na posição de Deus.

Por exemplo, pode-se identificar um paralelo entre a ambição desmedida do casal Macbeth e a história de Acabe, Rei de Samaria, e sua mulher, Jezabel, em 1 Reis 21, que executam um plano mortal para se apropriar do campo de um homem chamado Nabote, o que também atraiu sobre eles a “ira” divina (Bíblia TJFA, 2007, p. 432-433). Afinal, se Sócrates tinha como *dynamis*, o *rapsodo Íon*, como o deus que o inspirava, por que Shakespeare não poderia ter profetas, reis e figuras bíblicas para corroborar seus escritos, visto que ele era um exímio adaptador que conhecia “as estratégias da releitura, atualização e incorporação de vários textos em texto novo” que é considerado um dos principais processos de construtividade textual?” (CAMATI, 2014, p. 1-2NR).

Tomando como fundamento os elementos de citação e alusão dentro da teoria da intertextualidade, objetiva-se aclarar dentro da obra *Macbeth* tais pontos de intersecção, procedimentos, traços de composição em contatos localizados, sua seleção e transposição dentro do tema recorrente.

1.1 *Macbeth* e o Apocalipse

Macbeth é permeado por intertextos com alusões voltadas para o tema e a imagem apocalípticos, ou outras profecias bíblicas sobre o Grande Dia do Juízo Final (DoomsDay). Em *Macbeth*, Shakespeare utilizou mais de uma dúzia de alusões provenientes de “Apocalipse”. A palavra “apocalipse”, que não seguiu a tradução do título do livro em inglês, *The Revelation*, reside na etimologia da própria tradução. Conforme expõe o dicionário Infopedia.pt, a palavra “apocalipse” vem do grego *apokálypsis*, “revelação”, pelo latim *apocalypse*-, e ambos possuem o mesmo significado. Lembrando que a Bíblia em português foi traduzida do grego e do latim, não da Bíblia inglesa.

O último livro da Bíblia traz como mensagem um eventual triunfo nesta terra de Deus sobre o diabo; uma vitória definitiva do bem sobre o mal, dos santos sobre os seus perseguidores, do reino de Deus sobre os reinos dos homens e de Satanás. Esse, portanto, será um dia de vitória que será alcançada não só por Jesus Cristo, mas também

por Miguel e seus seguidores, depois das batalhas do Armagedon e de Gogue & Magogue. A primeira precederá a Segunda Vinda de Jesus Cristo, como Deus, Salvador e Juiz, e a segunda acontecerá no final do Milênio, segundo o livro de Apocalipse 20:1-10, em que Miguel o arcanjo batalhará juntamente com seus anjos contra Satanás e suas hostes, para expulsá-lo pela segunda vez, só que agora para as trevas exteriores, de onde jamais sairão (TJFA, 2007, p. 1358).

No *Dicionário bíblico* da tradução trinitariana traduzida por João Ferreira de Almeida, há uma definição sobre as divisões do livro de Apocalipse:

Nome do último livro do Novo Testamento. Apocalipse também pode significar qualquer revelação notável. Deriva de uma palavra grega que significa “revelado” ou “descoberto”. O livro consiste em uma revelação dada ao Apóstolo João, na qual lhe foi permitido ver a história do mundo, especialmente os últimos dias (Apoc. 1:1-2; 1 Né. 14:18-27; D&C 77). Em inglês, o livro Apocalipse chama-se Revelação. João recebeu esta revelação no dia do Senhor, na Ilha de Patmos (Apoc. 1:9-10), situada perto da costa da Ásia, não longe de Éfeso. Desconhece-se a data precisa em que foi dada. Os capítulos 1-3 são uma introdução ao livro e cartas às sete igrejas da Ásia. João escreveu para ajudar os santos a resolverem certos problemas. Os capítulos 4-5 registram visões recebidas por João, mostrando a majestade e o justo poder de Deus e de Cristo. Nos capítulos 6-9, 11, João registra que viu um livro selado com sete selos, cada um representando mil anos da história da Terra. Esses capítulos tratam principalmente dos acontecimentos contidos no sétimo selo (Apoc. 8-9; 11:1-15). O capítulo 10 descreve um livro que João comeu. O livro representa uma futura missão que ele cumpriria. O capítulo 12 relata a visão do mal, que teve início nos céus, quando Satanás se revoltou e foi expulso. A guerra que ali começou continua a ser travada na Terra. Nos capítulos 13, 17-19, João descreve os reinos corruptos da Terra, controlados por Satanás, e mostra o destino desses reinos, inclusive a destruição final do mal. Os capítulos 14-16 descrevem a retidão dos santos em meio ao mal, pouco antes da Segunda Vinda de Cristo. Os capítulos 20-22 falam do Milênio, da bela cidade de Nova Jerusalém e dos acontecimentos finais da história da Terra. (JOÃO FERREIRA, 2007, p. 1688).

O texto bíblico destaca que os mortos que forem para o inferno passarão pela segunda morte, pois não poderão viver com Deus. E como já tinham passado por uma morte, a física, agora passariam pela outra, a espiritual, para viverem eternamente no inferno. Em um mundo regido pela religião e também pelo reinado (também sangrento) de Jaime I, o uso abundante de metáforas poderia ser um modo que Shakespeare

encontrou de mostrar sua forma de ver os eventos ao seu redor, por meio de uma certa ironia profunda e poética.

A transcrição de tal fato se revela em um dos momentos mais marcantes da peça, quando Macduff descreve o corpo de Duncan assassinado como “a pavorosa Imagem do Juízo Final” (SHAKESPEARE, 2009, p. 64), apesar de parecer metaforicamente exagerado, destaca quão terrível era aquela descoberta. A tradução de Barbara Heliodora, que escolheu um caminho contrário ao de Manuel Bandeira na referência acima citada, limita-se a descrever a cena com a própria personificação da morte, comparando-a sutilmente com o Juízo Final (SHAKESPEARE, 2010, p. 487).

Era como prenunciar a prestação de contas que todos, especialmente o assassino, teriam de enfrentar mediante aquele ato homicida. A *Bíblia* descreve o Juízo Final como o Fim do Mundo, o Apocalipse, momento em que todos os que vivem e que viveram sobre essa Terra terão de responder pelos seus atos, perante o tribunal de Deus.

De fato, o livro bíblico do Apocalipse se apresenta como o último livro da *Bíblia*. Consiste em uma revelação dada ao Apóstolo João, na qual lhe foi permitido ver a história do mundo, especialmente os últimos dias (Apoc.1:1-2). Não apenas João escreveu sobre esses grandes eventos, a Segunda Vinda e o Fim do Mundo, como há mais de 1.500 referências sobre os eventos no Velho Testamento e 300 no Novo. Ou seja, profetas bíblicos como Amós, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, assim como todos os demais profetas e apóstolos, testificaram sobre tais acontecimentos vindouros, até mesmo o próprio Jesus Cristo o fez no capítulo 24 de Mateus (TJFA, 2007, p. 1060-1061).

A imagem do Juízo Final de Apocalipse não só estava presente em Macbeth, como também em várias citações sobre o tema, como em Rei Lear, em Otelo e até na peça Tempestade, segundo Marx (2013), que dedica um capítulo inteiro estabelecendo tais ligações. Essas apropriações servem como um prefácio para uma obsessão do povo inglês daquela época: a preocupação constante e reforçada sobre o Fim do mundo. Hamlin chama a atenção de que essa “fixação” pelo Fim do Mundo surgira por causa da Reforma: os protestantes usavam os termos do livro de João para atacar o reinado papal e a Igreja Católica. Um exemplo: para eles, “a besta de sete cabeças poderia significar

as sete colinas de Roma e o papa, assim como os imperadores romanos poderiam ser o Anticristo” (HAMLIN, 2013, p. 272). Até hoje, muitos acreditam que a marca da besta, o número 666, que se encontra em Apocalipse 13:18, está dentro da mitra usada pelos papas. “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis” (TJFA, 2007, p. 1352).

Os temas bíblicos, para Shakespeare, não estavam só presentes por meio de palavras, mas também por meios visuais, especialmente nas igrejas. Um exemplo foi o mural na capela de sua cidade natal, Stratford-Avon, pintado acima do arco-mor, provavelmente antes do nascimento dele. Ali foram expostas imagens sombrias, onde vários corpos saíam das tumbas pelo lado esquerdo, com outros, à direita, ambos como seres mortos que reviviam para tanto herdar o reino do céu quanto ser lançados no inferno (MARX, 2010, p. 271-272), conforme a figura a seguir.



Figura 1: Doom ou Dia do Julgamento - Pintura encontrada sobre o arco-mor da Guild Chapel, na cidade de Stratford.

Fonte: Cortesia de Hannibal Hamlin, 2013, p. 273.

Isso demonstra quão familiarizado estava o dramaturgo com a representação contida no quadro do Grande Dia do Juízo Final, o que pode ter levado a, futuramente, utilizá-lo no contexto da produção da narrativa macbethiana, estando tal tema sempre diante de seus olhos.

Tem-se como prova o ato II, cena 3, em que se encontra a fala: “O que está acontecendo aqui, que com estes toques de trombeta estremeceadores convocam, os que dormem nesta casa?” (*What’s the business, That such a hideous trumpet calls to parley, The sleepers of the house?*). Na manhã seguinte à noite da morte do Rei Duncan, Lady Macbeth entra em cena, indagando a razão de tanto alvoroço. Há aqui uma alusão ao Juízo Final, ilustrado nestas duas passagens, em Mateus 24:31: “Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos” (TJFA, 2007, p. 1061), e em 1 Coríntios 15:52: “ao som da última trombeta [...] os mortos ressuscitarão” (ibid., p. 1251). Na peça, não houve nenhum toque de trombeta, mas sim gritos e o toque de um sino de alarme. Bem providencial essa metáfora para destacar a reação apocalíptica que os súditos de Duncan teriam ao saber de sua terrível morte.

A morte de Duncan, de fato, desencadeia eventos que levam à desintegração tanto dos Macbeth, espiritual e emocionalmente falando, quanto dos habitantes do reino, enquanto sociedade. Shakespeare, que já havia manipulado nessa peça os relatos de fontes históricas antigas da vizinha Escócia, assim como do momento político vigente, agiu igualmente com as revelações bíblicas sobre o Fim do Mundo.

Ainda no ato II, cena 3 (SHAKESPEARE, 2009, p. 64, 116), encontra-se novamente o tema do Fim do Mundo. “Levantem, levantem e vejam a pavorosa Imagem do Juízo Final!” (*Up, up, and see / The great doom’s image!*), Macduff refere-se ao Juízo Final (*Doomsday*). Shakespeare ainda faz, pela segunda vez, no ato IV, cena 1, referência ao Juízo Final: “Porventura vai esta descendência prolongar-se até o Juízo Final?” (*What, will the line stretch out to the crack of doom?*).

A história inglesa corrobora uma crença popular que existia na Inglaterra da época de Shakespeare, segundo a qual se acreditava que a linhagem nobre do Rei Jaime e seus descendentes perduraria até o final dos tempos, o Fim do Mundo (HONAN, 1998, p. 401). Honan (1998), em seu livro *Shakespeare, uma vida*, associou a visão que Macbeth teve no quarto ato ao fato de que a linhagem real – nesse caso, os herdeiros de Banquo – se estenderia até o momento do Juízo Final.

A história de *Macbeth*, que se iniciou com o assassinato do Rei por alguém do seu séquito, com quem se associava, acabou por remeter alusivamente à morte do

próprio Cristo, “Rei dos reis”, que foi traído e morto pelos seus, que nos remete ao advento da Crucificação. Essa passagem seria o ponto de partida para entender a presença de tal excerto como uma intertextualidade implícita, já que *Macbeth* temia ter de prestar contas pelos seus atos sanguinários perante os homens do rei, assim como a fé cristã ensina e crê, que todos os homens terão de ser julgados perante Deus. Hamlin (2013) afirma que tal acontecimento pode ser o mais importante dentro da peça devido ao senso apocalíptico por detrás dele, por estender as implicações de uma única morte individual para todo um povo.

A imagem de Juízo Final também funciona como um passadiço, no entanto, ligando referências do evento da Crucificação, que pode ser comparado, mesmo transportado, à morte do rei Duncan, assim como suas consequências, como a destruição de Satanás ou Lúcifer, como o Inimigo de Deus e do Seu reino, ao qual se refere o livro de Apocalipse (HAMLIN, 2013). Percebe-se e entende-se tal premissa na seguinte passagem citada por Malcolm no ato IV, cena 3, no texto em inglês: “Angels are bright still, though the brightest fell”, usa-se como referência o anjo decaído Lúcifer, “o mais esplendente de todos”, para a futura derrocada da tirania. O nobre afirma a Macduff que não importa o índice da maldade (exemplificada por Macbeth), a menor das virtudes há de sobrepujá-la.

Interessante notar que, em sua tradução, Millôr Fernandes (SHAKESPEARE, 2009, p. 125) optou por manter a tradução inglesa: “Os anjos ainda esplendem, muito embora tenha caído o mais esplendente”. Eis uma alusão clara ao texto de Isaías 14:12 no Velho Testamento: “Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!” (TJFA, 2007, p. 764).

Embora o contexto se refira, a princípio, ao rei Nabucodonosor, da Babilônia, que invadira a Judeia, séculos antes de Cristo, matando milhares e levando muitos outros cativos, governante por um tempo do maior reino jamais visto na Terra, e que também possuía o título de “Reis dos reis”, também faz uma referência a Lúcifer em Apocalipse 12:7-9, o anjo decaído, que comandou, durante a batalha nos céus, um grupo de anjos revoltosos, sendo derrotados e expulsos de lá para a terra.

E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele (TJFA, 2007, 1351).

Pode-se ter uma compreensão maior ao depararmos com as palavras usadas por Heliadora em sua tradução de Macbeth: “Os anjos brilham, apesar de Lúcifer” (2011, p. 540). O nome Lúcifer vem do latim lux, luz e ferre, que seria conduzir. Depois da Queda, ele tornou-se o diabo ou Satanás, o inimigo de toda a justiça, que era literalmente um filho espiritual de Deus e outrora fora um anjo com autoridade na presença daquele considerado por Jesus Cristo na oração do Pai Nosso, como o Pai da humanidade, que está nos Céus.

Essa presença efetiva de microfenômenos textuais e estilísticos, bem como a disseminação do sentido dentro do texto atual que se tem nas mãos faz como que a narrativa surja como “o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores” (SAMOYAULT, 2008, p. 18).

Isso pode ser representado nas palavras de Macduff, que associa Duncan, um rei, um ungido, ao Templo de Deus, no ato III, cena 2 (SHAKESPEARE, 2009, p. 63), e o seu assassino a Judas, o pior dos traidores, segundo o Cristianismo. Em Apocalipse 11:19, João, seu autor, reconhece o Salvador como o Templo de Deus também. “E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança (ou do convênio) foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva” (TJFA, 2007, p. 1351).

Conclusão

Em ambas as obras, tanto em Macbeth quanto na Bíblia, a metáfora e o símbolo expressam sua construção de sentidos. A presença bíblica na tragédia não se destaca apenas por causa da referência, da citação, da alusão apropriadas pelo dramaturgo, mas também devido ao contexto em que foram inseridas. Assim, a (res)significação simbólico-metafórica interdepende da tensão determinada dentro das relações intertextuais, a qual determinará a sua metaforicidade ou não. A genealogia das

obras shakespearianas traça a linhagem de um dos maiores, senão o maior dramaturgo do cânone ocidental, onde a intertextualidade conta como parte fundamental. Shakespeare é um sintetizador, e o mundo é a sua biblioteca, sua Bíblia.

Assim buscou-se, com este trabalho, apresentar um aprofundamento nas questões dialógicas que envolvem duas obras que se encontram no centro de dois cânones: a Bíblia, ápice do cânone religioso e a tragédia shakespeariana de *Macbeth*, do cânone literário ocidental. Vale lembrar e enfatizar que os puritanos e protestantes que fugiram da Europa, principalmente os oriundos da Inglaterra, para as novas colônias britânicas nas Américas, trouxeram em sua bagagem tanto a Bíblia quanto as obras de Shakespeare, pode-se dizer que essas duas obras podem ter se tornado a base ideológica do Novo Mundo.

Assim sendo, para o estabelecimento da tipologia de “palavra ambivalente”, segundo Bakhtin, esse paralelismo mostra como o autor pode “servir-se da palavra de outrem para injetar um sentido novo, conservando o sentido que o enunciado já tinha” (BAKHTIN, 2010, NITRINI, 2010, p. 160-161). Os pontos destas relações intertextuais bíblicas tornam-se um modo de frisar o senso apocalíptico na mais lacônica tragédia de Shakespeare. Uma coisa é indiscutível: imagens bíblicas são tecidas e ressignificam em toda essa obra. Hamlin (2013) chega a afirmar que, apesar da ambientação na Escócia cristã, *Macbeth* parece apenas um pouco mais cristã do que outra tragédia semelhante.

Há uma pergunta que *Macbeth* faz aos assassinos, no ato III, cena 1, que, dentro desse contexto, poderia ser feita a Shakespeare mediante tantas “apropriações”, ou melhor seria dizer “empréstimos” feitos por ele ao texto bíblico, a fim de explicar tantos “diálogos”: “Sois tão amigos do Evangelho a ponto de...” (SHAKESPEARE, 2009, p. 79). Conclui-se que Shakespeare não só teve acesso ao Livro sagrado, tipologicamente falando, como ouviu, leu e interpretou os eventos do Novo Testamento, assim como o cumprimento das profecias do Velho Testamento. Hamlin (2013, p. 303) ainda destacou que “nenhum outro autor tenha integrado as figuras, os compósitos e os temas encontrados na Bíblia em sua própria obra mais do que ele”.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 429 p.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CAMATI, A. *A Importância do contexto histórico*. Texto dado em aula. Curitiba: 2014.

DICIONÁRIO E ENCICLOPÉDIAS INFOPEDIA. Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>. Acessado em: 12 ago. 2016.

HAMLIN, H. *The Bible in Shakespeare*. Oxford Press: Inglaterra, 2013.

HONAN, P. *Shakespeare: uma vida*. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LEÃO, L. de C.; SANTOS, M. S. dos (org.). *Shakespeare: sua época e sua obra*. Curitiba: Editora Beatrice, 2008. 360 p.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997. 198 p.

MARX, S. *Shakespeare and the Bible*. Oxford University Press, 2013.

NITRINI, S. *Literatura Comparada: História, teoria e crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

PLATÃO. Íon (ou sobre a Ilíada, gênero probatório). Disponível em: <<http://www.consciencia.org/docs/ion.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

SHAKESPEARE, W. *Macbeth*. Tradução de Barbara Heliodora. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. *Macbeth*. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. *Macbeth*. Disponível em: <[Http://www.shakespeare-online.com/plays/macbethscenes.html](http://www.shakespeare-online.com/plays/macbethscenes.html)>. Acesso em: 16 jul. 2016.

Recebido em: 28/09/2016

Aceito em: 05/12/2016
